

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
Em colaboração com INSHADOW – LISBON SCREENDANCE FESTIVAL  
26 de Novembro de 2022

## HE VENIDO A LEER LA NOCHE / 2019

um filme de Manuel Fernández-Valdés

**Realização:** Manuel Fernández-Valdés / **Argumento:** Manuel Fernández-Valdés / **Direcção de Fotografia:** Jacobo Martínez / **Montagem:** Andrés Federico / **Som:** Alberto García Altez e Juan Montoto Ugarte / **Música Original:** Isasa / **Assistente de Realização:** Galder Arriaga / **Mistura de Som:** Francesco Lucarelli / **Coordenador de Pós-Produção:** Nacho Alfaro / **Interpretação:** Mónica Valenciano, Raquel Sánchez, Marianela León, Norma Kraydeberg.

**Produção:** Ordenpropria / **Cópia:** Digital, cor, legendada em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 93 minutos / **Estreia em Portugal:** Festival InShadow, 2 de Dezembro de 2021 / **Primeira exibição na Cinemateca**

---

Terceira e última sessão de um ciclo dedicado ao processo artístico e criativo de coreógrafos contemporâneos de referência, desta feita a incidir no trabalho de Mónica Valenciano.

Figura-chave da dança moderna em Espanha, Mónica Valenciano evidenciou-se no final dos anos 80 com um conjunto de criações instintivas, íntimas e imediatas, em que “nada significa nada,” palavras suas, com todo o significado que isso comporte. Ganhou proeminência a par de figuras como Sol Picó e María La Ribot, num período artístico particularmente fulgoroso.

Em 1997, fundou a companhia El Bailadero, um laboratório de pesquisa e experimentação da linguagem corporal – experiências que tem vindo a manter continuamente ao longo dos anos e que projectam cada vez mais o seu trabalho numa direcção absolutamente singular.

**He venido a leer la noche**, vencedor da competição de documentário da edição transacta do Festival InShadow, encontra-a num processo similar, em plena criação do espectáculo de dança que coreografou e interpretou, “Imprenta Acústica en (14 Borriones de una) Aparición.”

O filme abre com uma sequência prolongada – num plano que tenho como contínuo, seja-o ou não – onde vivência e *performance* se confundem e misturam; onde arte e quotidiano se desafiam num registo algures entre o documentário e a criação artística, com a última valência a pesar progressivamente sobre a primeira. Esta sequência prenuncia todo um filme em que o cinema parece contaminar a realidade pela sua mera existência, com a câmara de Manuel Fernández-Valdés a mostrar-se especialmente sintonizada aos movimentos do corpo.

Materialmente, e segundo admissão do realizador, o filme alterna entre momentos fugazes e (re)construções de uma matéria que se assume previamente testemunhada ou intuída. Este planeamento formal tende a aproximar o filme dos moldes mais habitualmente associados à ficção, mas é nesta oposição que o objecto adquire a sua verdadeira pungência: ao apurar o objecto de estudo – ao destilá-lo formal e conceptualmente – o filme distancia-se de uma documentação efectiva para se aproximar de uma forma de representação afectiva/anímica.

E a Mónica Valenciano que nos chega sob este olhar é fascinante: Valenciano “dança como quem escava o seu próprio corpo, desobstruindo, abrindo novos circuitos que lhe permitem o acesso à escuta da sua voz. Investiga,” nas palavras do seu realizador, “as formas de uma dança do acaso inspirada na observação dos gestos e palavras do seu quotidiano.” Quando nos acercamos da coreógrafa-intérprete pela primeira vez, encontramos-a desde logo envolta num complexo – e largamente insondável – processo de criação e de escuta permanente, e não nos é nada difícil aceitá-lo imediatamente por aquilo que é, ou que intuímos ser.

A proposta cinematográfica de Fernández-Valdés resiste num lugar complexo, algures entre a vontade de mimetizar animicamente o estilo (inimitável) de Valenciano e a intenção de criar um percurso paralelo de observação autoral individualizada – combinação improvável e que acaba por reduzir pontualmente o filme a uma caixa de ressonância, cuidadosamente modulada e nem sempre ajustável às opções escarpadas e continuamente inventivas de Valenciano.

Num outro nível, é de referir que as várias cenas delimitáveis (se assim o entendermos) a um processo de criação nos surgem alternadas com momentos prosaicos de vivência quotidiana, recalibrando continuamente a nossa relação com o material filmado e nunca lhe permitindo eclipsar-se totalmente nos domínios de uma lógica imaterial. Para um filme tão envolvido num processo criativo interior, é de apreciar que se mantenha tão marcadamente tangível e real.

Mas acima de tudo, encontramos um realizador determinado a dar-nos a conhecer o trabalho de Valenciano no contexto efectivo em que se encontra: na preparação de um espectáculo – espectáculo esse que contará com a participação da bailarina Raquel Sánchez. O filme nasce muito continuamente das sinergias entre as duas, com Sánchez a surgir-nos quase que como extensão/ruptura – qual **Persona** – das tensões artísticas procuradas por Valenciano.

Especialmente curioso é o momento em que as duas se sentam para assistir à projecção do filme **La taranta**, onde a dança surge correlacionada com um processo de exorcismo – num dos poucos momentos em que Fernández-Valdés se permite a trabalhar mais simbolicamente a arte de Valenciano, ainda que de forma meramente sensorial, num bonito jogo de sombras.

Mas a obra de Valenciano é maior que quaisquer metaforizações possíveis e o filme sabe-o. Em momentos de maior imersão, como noutros mais (aparentemente) desligados – passeios e conversas, anotações ou ensaios – o realizador mantém-nos submergidos num processo singular, com Valenciano a firmar-se continuamente num “agora” transiente, consciente das inúmeras possibilidades que cada gesto encerra, trazendo uma imprevisibilidade incomum a cada passagem – é um desafio constante discernir a direcção que a sua criação possa tomar. Entre a ordem e o caos, Valenciano investiga continuamente as possibilidades de uma dança do acaso inspirada na observação dos gestos e palavras do quotidiano. Sem intenção, sem qualquer discurso, e sem absolutamente nada para explicar – porque “nada significa nada.”

Monica Valenciano trabalha como vive – não nos é intuída qualquer distinção possível entre a intérprete e a pessoa – e acima de tudo é isso que nos fica do filme: a sensação de termos acompanhado não um processo auto-delimitado de criação, mas um processo de vida, uma dedicação de tal forma individualizada para com a minúcia do quotidiano que, no limite, não tem como não extravasar os palcos e se estender, verdadeiramente, a uma filosofia de vida.

João Coroa Justino (InShadow – Lisbon Screendance Festival)